

ILUSÕES BEM FUNDAMENTADAS: TRABALHO DOCENTE, MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA

■ AFRÂNIO MENDES CATANI

 <https://orcid.org/0000-0003-0656-3931>

Universidade de São Paulo, Universidade Estadual do Rio de Janeiro

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, a partir da posição que ocupo(ei) num determinado campo social e valendo-me de uma fórmula célebre de Blaise Pascal (1623-1662) transformada por Bourdieu (“o mundo me contem e me engole como um ponto, mas eu o contem”), apresentar um *ponto de vista* a respeito de minha trajetória escolar, com destaque para algumas(uns) professoras(es) marcantes, decisivos em meu processo formativo. A narrativa autobiográfica tem início com meu ingresso no curso primário, em 1960, recupera as angústias experimentadas para enfrentar o então existente “exame de admissão”, relembra a permanência no antigo curso ginasial, no curso científico, bem como o cursar da universidade, além de prosseguir em minha carreira de pesquisador. Em cada um dos segmentos, procura-se detalhar as ações daquelas(es) professoras(es) que contribuíram, no exercício de seu *métier* – em alguns casos realmente exemplares –, para que eu fundamentasse de forma convincente para mim parte de minhas ilusões simbólicas. Utilizo uma variada bibliografia que, interagindo com a memória, com o vivido, permite realçar o trabalho docente enquanto variável transformadora de destinos específicos.

Palavras-chave: Trabalho docente. Memória. Professores marcantes. Autobiografia. Trajetória escolar.

ABSTRACT

WELL-FOUNDED ILLUSIONS: TEACHING WORK, MEMORY AND AUTOBIOGRAPHY

This article aims, from the position I occupy (occupied) in a given social field and making use of a famous formula by Blaise Pascal (1623-1662) transformed by Bourdieu (“the world contains me and swallows me like a point, but I contain it”), to present a point of view regarding my school trajectory, with emphasis on some outstanding teacher(s), decisive in my formative process. The autobiographical narrative begins with my entry into primary school, in 1960, recov-

ers the anguishes experienced to face the then existing “admission exam”, recalls the permanence in the old high school course, in the scientific course, as well as attending the university, in addition to pursue my research career. In each of the segments, an attempt is made to detail the actions of those teachers who contributed, in the exercise of their *métier* – in some truly exemplary cases –, so that I could convincingly support part of my illusions symbolic. I use a varied bibliography that, interacting with memory, with what has been lived, allows me to highlight the teaching work as a transforming variable of specific destinations.

Keywords: Teaching work. Memory. Outstanding professor. Autobiography. School trajectory.

RESUMEN **ILUSIONES BIEN FUNDADAS: LABOR DOCENTE, MEMORIA Y AUTOBIOGRAFÍA**

Este artículo pretende, desde la posición que ocupo (ei) en un determinado campo social y haciendo uso de una famosa fórmula de Blaise Pascal (1623-1662) transformada por Bourdieu (“el mundo me contiene y me traga como un punto, pero yo lo contengo”), para presentar un punto de vista sobre mi trayectoria escolar, con énfasis en algún(os) docente(s) destacado(s), decisivo(s) en mi proceso formativo. La narración autobiográfica comienza con mi ingreso a la escuela primaria, en 1960, recupera las angustias vividas para enfrentar el “examen de admisión” entonces existente, recuerda la permanencia en el antiguo curso de bachillerato, en el curso científico, además de asistir a la universidad, además de seguir mi carrera investigadora. En cada uno de los segmentos se intenta detallar la actuación de aquellos maestros que contribuyeron, en el ejercicio de su oficio -en algunos casos verdaderamente ejemplares-, a que yo pudiera sustentar fehacientemente parte de mis ilusiones simbólicas. Utilizo una bibliografía variada que, interactuando con la memoria, con lo vivido, me permite destacar la labor docente como variable transformadora de destinos específicos.

Palabras clave: Trabajo docente. Memoria. Profesores destacados. Autobiografía. Trayectoria escolar.

Uma pá de areia de livro velho carcomido entupiu minha garganta.

Tossi letras e frases, vomitei autores, me atolei em prateleiras tentando me empanturrar de leitura que eu já nem sabia a ordem [...]

Restei só, olhando o livro, capa e orelhas e me perguntando quem me ouve agora.

Abri outros, fechei uns tantos, soprei a sopa de letras como uma confusão mental sem fim.

Sobrei no fim da festa de parágrafos e capítulos me perguntando quem eu era nessa biblioteca de mortos, dos mortos dali, dos mortos de lá, dos mortos de cá [...]

E o que li, se ficou, vem aí, como a chuva que passa no asfalto e sobe um cheiro de molhado, ou como o caqui que aperta a boca, ou como o jambu que trava a língua, ou para não dizer nenhuma palavra, poema, paráfrase, conceito, mas para sentir gosto de tinta na boca.

(Roberta Veiga)

Introdução

Já faz algum tempo, mas nem tanto. Não por acaso, o cronista Rubem Braga (2019, p. 171) escreveu, em “A companhia dos amigos”, o seguinte: “Como passam anos! Ultimamente têm passado muitos anos”. Seja como for, um ex-aluno, hoje docente em universidade pública, matriculado em disciplina que eu ministrava junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de São Paulo (USP), veio até mim no final da última aula e disse que eu era um professor que, para ele, “fez diferença” e me agradeceu pelo curso sobre alguns aspectos da sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu (1930-2002) que havíamos estudado. Eu, meio desconcertado com as amáveis palavras, inesperadas, proferidas à queima-roupa, balbuciei algo em agradecimento, safando-me com uma resposta olímpica: “*Ora, não faço mais do que minha obrigação, pois sou pago pelo fundo pú-*

blico para ensinar, pesquisar etc.”. Mas, na realidade, estava explodindo de alegria, sentindo-me verdadeiramente recompensado pelo reconhecimento, justo ou não.

No mesmo instante, lembrei-me de Roland Barthes e de sua aula inaugural junto à cátedra de Semiologia Literária do Collège de France (7. janeiro. 1977), quando disse que a seus olhos eram incertas as razões que o levaram a ser escolhido para integrar a instituição. Para ele, o ingresso no Collège se constituía em “[...] uma alegria mais do que uma honra; pois a honra pode ser imerecida, a alegria nunca o é”. (BARTHES, 1997, p. 8).

Narro esse pequeno episódio que vivenciei, sem qualquer lampejo de exibicionismo, somente para dizer que até hoje a alegria toma conta de mim quando o recordo. Menciono o fato apenas com a intenção de esclarecer que ao aceitar escrever e submeter à apreciação do Conselho Editorial da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica* – e às organizadoras do dossiê – o manuscrito original, em que procuro narrar as(os) professoras(es) marcantes que integraram minha trajetória escolar e profissional, assim como alguns outros casos ilustrativos que considero relevantes, espero poder despertar nas pessoas que passarem os olhos por estas linhas ao menos uma parcela da satisfação que experimentei quando fui catapultado para as nuvens. Mas, ao me colocar como personagem nesse acontecimento, não seria eu um outro Gambarov? Bourdieu e Monique de Saint Martin, em “As categorias do juízo professoral” (2022, p. 207), recuperando passagem de *Minha vida*, de Leon Trotsky, assim transcrevem:

Por insistência da seção marxista dos estudantes, Lenine deveria fazer três conferências sobre a questão agrária na escola de altos estudos, organizadas em Paris por professores que haviam sido cassados das universidades russas [...] Recordo-me de que antes dessa primeira

conversação, Vladimir Ilitch estava muito emocionado. Mas, na tribuna, ele logo se recompôs, ou, ao menos, assim aparentou. O Professor Gambarov, que veio ouvi-lo, exprimiu a Deutch sua impressão em duas palavras: ‘um verdadeiro professor’. Ele acreditava, evidentemente, outorgar-lhe assim, o maior dos elogios.

Não é supérfluo lembrar que a reconstrução (e a interpretação) envolvendo o tema deste artigo não deixa de ser refém, em grande medida, da posição que ocupo no espaço social em que atuo. Explico-me melhor com uma passagem de Bourdieu, que costumava citar uma fórmula célebre de Blaise Pascal (1623-1662), deformando-a ligeiramente: “o mundo me contem e me engole como um ponto, mas eu o contenho”. O espaço social acaba me englobando como um ponto, mas esse ponto é um *ponto de vista*, “[...] princípio de uma visão assumida a partir de um ponto situado no espaço social, de uma *perspectiva* definida em sua forma e em seu conteúdo pela posição objetiva a partir da qual é assumida. O espaço social é a realidade primeira e última, já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele” (BOURDIEU, 1996, p. 27, grifo do autor).

Talvez em outro registro, como expressou Iñárritu em seu filme *Bardo. Falsa crônica de algumas verdades* (2022), “as memórias não têm verdade, têm convicção emocional”.

Primeiros passos: caminhando sem muita convicção

Em “O desejo da História”, Jacques Le Goff escreve que “[...] aquilo que procuro lembrar e lembrar-me é uma memória. Aquilo que me esforço por construir é uma história. Mas não está aí todo o trabalho do historiador? Uma das grandes aquisições da história (...) foi ter alargado a sua documentação a tudo o que é memória. Ao documento tradicional, histó-

ria morta, acrescentou o documento vivo”. (LE GOFF, 1989, p. 177).

Comentando o texto de Le Goff, Pierre Nora destaca aspecto relevante: ao mesmo tempo em que a memória dos períodos infantil e juvenil sobrevive no seu caráter, nas suas ideias e nos seus comportamentos, “[...] edificando nele o sentido da educação e da continuidade históricas”, é também responsável pelas “rupturas” (NORA, 1989, p. 357).

Início o relato situando-me em fevereiro de 1960 quando, aos seis anos e oito meses, fui matriculado no primeiro ano do então chamado curso primário, no Grupo Escolar Doutor Prudente de Moraes, em Piracicaba, localizado a 400 metros de minha casa.¹

Escola pública, classes com 40 lugares, carteiras duplas, fileiras com cinco carteiras e apenas um professor por classe. Na época, no grupo escolar havia classes de 1ª a 4ª séries, nos períodos da manhã e da tarde (8h às 11h15 e das 13h às 16h15), e cada série duas turmas, perfazendo cerca de 350 alunos. Frequentei essa escola de 1960 a 1963, numa época em que a(o) docente era responsável pelo ensino de aritmética, português, linguagem, o equivalente a história, geografia, ciências, bem como pela transmissão do conhecimento e do significado dos símbolos e hinos pátrios. A escola, apenas de meninos no período matutino, não era laica, pois tínhamos aulas de religião uma vez por semana.

Nasci em Campinas em 1953 e, dois anos depois, minha família mudou-se para Piracicaba, de onde minha mãe era natural e onde Renato Catani graduou-se em Engenharia Agrônoma em 1940. A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) já era uma das unidades da USP, que havia sido criada em 1934. Situada a 170 quilômetros da capital paulista, lá vivi com meus pais e minha irmã até 1970. Renato foi

¹ A exposição do presente item será realizada a partir de Catani (1998, 2006, 2012a, 2012b).

exercer a profissão na cidade de Americana, casou-se em 1942 e em 1944 nasceu Marília, já em Campinas, onde ele trabalhava como pesquisador no Instituto Agrônomo e, também, dava aulas algumas manhãs e noites na hoje Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Ficou no Agrônomo até meados da década de 1950, intermediado por um ano de estágio pós-doutoral nos Estados Unidos, bolsista da Fundação Rockefeller, em plena Guerra Fria. Justamente em 1955 obteve por concurso a cátedra de Química Analítica na ESALQ, sua antiga universidade, e para Piracicaba fomos todos.

Aprendi a ler aos cinco anos, portanto não enfrentei dificuldades no início de minha escolaridade formal. Mas experimentei algo totalmente diferente no início, pois no Doutor Prudente, escola pública que era, havia uns dez meninos das “famílias de bem” e uns 30 originários de famílias modestas, operários, empregados no comércio, nos bancos, pequenos funcionários públicos. Vários colegas trabalhavam a partir do meio-dia e havia muitas crianças negras. Para mim, “filhinho de papai”, foi um banho de realidade, algo fora da bolha em que vivia.

A escola guardava bastante semelhança, no que se refere à estrutura disciplinar e organizativa, com o que se pode ler em *O pequeno Nicolau*, de Sempé e Gosciny (1997). Os professores eram os donos absolutos da situação, não se permitia qualquer forma de conversa durante as aulas; quando ocorria, a repressão se dava no ato. Vários docentes tinham uma régua de madeira imensa e não hesitavam em nos golpear nos braços, cabeça e traseiro. Outro instrumento repressivo era a nota de comportamento. No primeiro e no segundo anos até que eu ia mais ou menos, mas no terceiro, o caldo entornou para o meu lado: ao receber o boletim bimestral, minha mãe tinha que ir à escola para devolvê-lo, pois algumas vezes eu

recebia nota 5,0/10,0 em comportamento. Era terrível! Felizmente ia bem, chegando inclusive a receber medalhas de “honra ao mérito”. A avaliação tinha papel relevante e, em função da média obtida, usávamos fitinhas de cores distintas, pregadas em nossas camisas ou blusas no lado esquerdo, até os resultados da avaliação do bimestre seguinte. No caderno de linguagem, a professora escrevia a nossa média final e a classificação obtida na classe.

Eram corriqueiras as brigas após as aulas, em que éramos obrigados a enfrentar a situação para mantermos o moral perante os colegas. Tomávamos cascudos e puxões de orelha das professoras e dos professores e não se situava num ponto fora da curva uma “sova de cinta”, mais de uma vez aplicada pelo nosso professor e pelo diretor.

Sou sincero em dizer que nenhum dos quatro docentes me marcou de forma significativa. Dona Manira Maluf lecionava no primeiro ano. Era tia do maestro Jamil Maluf, dois anos mais novo do que eu, que estudou regência na Alemanha e, durante décadas, foi regente titular da Orquestra Sinfônica Jovem do Theatro Municipal de São Paulo e criador da Orquestra Experimental de Repertório. No segundo ano, Dona Minerva Kraide; Firmino Soares, enérgico e desbocado, no terceiro; e Dona Heloísa no quarto.

Não era simples nem agradável estudar na época. Eu não tinha muitas dificuldades, mas o aborrecimento, o desânimo e o cansaço geralmente davam o tom. Éramos obrigados a decorar tudo o que vinha pela frente: nome de rios, capitais, ramais ferroviários, órgãos do corpo humano, regras gramaticais, conjugações verbais, provas e exames. Além disso, como minha letra era péssima, tinha que encher páginas e páginas de meu caderno de caligrafia. Outro martírio eram as chamadas orais: os diários de classe, sempre organizados em ordem alfabética de nossos prenomes, faziam com que eu

sempre fosse o primeiro ou o segundo a ser interrogado – por sorte, no terceiro ano, havia o Ademar.

Mas, efetivamente, foi a partir de 1960 que aprendi a lidar com as palavras, experimentando certa magia nesse processo. O fato é que nesses quatro anos passei pelo batismo burocrático do saber, isso significando ser treinado para dar conta de responder às demandas de professoras(es). Em duas ou três ocasiões, recebemos a visita de inspetores e delegados de ensino que, a partir dos registros dos diários, nos interrogavam, para o nosso desespero e das(os) docentes.

Vivia com um enorme cansaço: aulas matinais de segunda a sábado, sendo domingo o único dia livre. Mas eu tinha que acordar cedo para ir à missa das 10 horas. Identifiquei-me plenamente com um parágrafo de *Ensaio sobre o cansaço*: “Durante uma das missas, a criança sentada em meio aos parentes na igreja do vilarejo – densa de gente, clara de ofuscar, ecoando as conhecidas cantigas de Natal, envolta em odores de tecido e cera – foi acometida pelo cansaço com o furor de um sofrimento”. (HANDKE, 2020, p. 9).

Entretanto, algo me chocou no final de 1963, quando estava concluindo o primário. Eu sabia que teria que prestar o temível “exame de admissão” para prosseguir nos estudos e ingressar no antigo curso ginásial. Lá por novembro ou dezembro, quando iniciei a preparação para as provas, descobri que mais da metade da classe pararia de estudar, ou seja, o quarto ano primário se constituiria na série terminal para esses meninos. Senti, de fato, o caráter excludente do sistema de ensino, ceifando oportunidades e obrigando cerca de uns 25 alunos com pouco mais de 10 anos a abandonar os bancos escolares e ingressar, com todas as desvantagens e precariedades no mercado de trabalho estreito que se lhes apresentava.

Até hoje penso que não poucos de meus colegas da escola elementar poderiam ter conhecido um destino melhor se em suas trajetórias escolares tivessem se relacionado com um professor como Louis Germain (1884-1966), responsável pela continuidade dos estudos de Albert Camus (1913-1960), pois lecionou para o menino em Argel.² Germain insistiu com a mãe e com a avó de Camus, de origem social bastante simples, para que o garoto, que concluía a escola primária, não interrompesse os estudos. Ele desejava que o estudante ingressasse na 6ª série do liceu, pois o jovem “lê, escreve, fala e recita bem”. (TODD, 1998, p. 34-35). O mestre deu aulas particulares gratuitas a Albert e a três outros de seus alunos, preparando-os para o exame de ingresso no liceu e, conseqüentemente, receber uma pequena bolsa, que lhe garantiria as aulas, o uniforme, além do café da manhã e do almoço. Camus foi aprovado e deslanchou, sendo sempre um estudante exemplar. Ao longo da vida, ambos foram bons missivistas e, em 30 de abril de 1959, Germain lhe enviou a última carta, cuja cópia encontra-se anexada à versão inacabada de *O primeiro homem* – Camus carregava o manuscrito numa valise quando sofreu o acidente automobilístico que o matou em 4 de janeiro de 1960.

Vale destacar, ainda, a carta – também contida no livro inacabado – que Camus enviou a Germain em 19 de novembro de 1957, alguns dias após o recebimento do Prêmio Nobel de Literatura. Quando o discurso em que aceitou o Nobel foi publicado, o escritor argelino o dedicou a seu velho professor. Não resisto em transcrever essa exaltação ao trabalho docente, o reconhecimento de um aluno ao dedicado professor:

2 Na impossibilidade de me estender a respeito, indico textos que detalham a relação de Camus com Germain, a saber: CAMUS (1994); DE MEERLEER (2021); JUDT (2010); TODD (1988), além das cartas mencionadas nas referências.

Caro Monsieur Germain:

Deixei passar um pouco o movimento que me envolveu todos esses dias antes de vir falar-lhe de coração aberto. Acaba de me ser feita uma grande honra que não busquei nem solicitei. Mas quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço questão dessa espécie de honra. Mas esse é ao menos uma ocasião para dizer-lhe o que você foi e é sempre para mim, e para assegurar-lhe que os seus esforços, o seu trabalho e o coração generoso que você coloca em tudo o que faz, sempre de maneira viva com relação a um de seus pequenos discípulos que, não obstante a idade, não cessou jamais de ser seu aluno reconhecido. Eu o abraço com todas as minhas forças.

Albert Camus (CAMUS, 1994, p. 304)

O biógrafo do escritor argelino (TODD, 1998, p. 765) transcreveu a última carta que Camus enviou a Germain, em 20 de outubro de 1959, exatos dois meses e meio antes de sua morte. Relata que seus filhos chegam para visitá-lo; gêmeos, menina e menino, cursavam a última série do primeiro grau. Estudavam latim, grego, matemática, mas, segundo Albert, “não tiveram um Sr. Germain para lhes ensinar ortografia e desanimam o pai nesse aspecto”.

O ginásio: caminhando com alguma desenvoltura

Em meados da década de 1960, fui obrigado a fazer o “exame de admissão” para poder me dirigir ao curso secundário. Tenho vagas lembranças do processo como um todo, recordo-me apenas que fui preparado por minha mãe, com o auxílio de uma professora particular. Acabei sendo aprovado sem grandes dificuldades no Instituto Educacional Piracicabano, vinculado à Igreja Metodista. Marília, minha irmã, já havia estudado lá, tendo realizado

o antigo curso científico e, posteriormente, como nosso pai, obtendo a aprovação no vestibular ao curso de Agronomia da ESALQ/USP.

Alguns parentes de minha mãe fizeram comentários restritivos ao fato de estudarmos em instituição de ensino protestante, pois tive primas e primos que cursaram escolas católicas na cidade, como os colégios Assunção e Dom Bosco – além disso, um de meus tios, irmão mais novo de mamãe, era padre. Para meu pai, cientista, as religiões não tinham qualquer importância. Assim, Marília e eu ficamos, respectivamente, três e quatro anos no Instituto Educacional Piracicabano.

Tudo mudou para mim, pois tínhamos aulas pela manhã, de segunda a sábado, em classes com 50 alunos, além de 2 horas de educação física à tarde (terças e quintas-feiras). Após os exercícios, jogávamos futebol num campo ao lado, durante três horas: era ótimo! Durante os quatro anos, tivemos aulas de religião, com a Dona Jair, com quem cantávamos hinos e ouvíamos perorações bíblicas. Eu adorava, pois pegava o meu caderno de religião e sempre que tinha oportunidade, lia trechos para provocar meu tio, padre católico, que facilmente se irritava com a “doutrina protestante que estão lhe impingindo”.

A cada série tínhamos, ao menos, 10 ou 11 professores, e nossa vida escolar cotidiana era infernal: montões de chamadas orais, provas, lições infinitas, elaborar tarefas nos cadernos específicos que seriam revisados, desenhar mapas, épuras, decorar nomes de rios e seus afluentes, acidentes geográficos, características da vegetação brasileira, capitais dos estados e respectivas populações, anatomia, verbos irregulares em inglês, as dinastias dos faraós egípcios, regras gramaticais e montes de exercícios de análise sintática... Tudo o que se lecionava sobre a História do Brasil se fazia sob uma perspectiva oficialista, enaltecendo

heróis e o regime militar, implantado com o golpe de abril de 1964.

Os professores eram terríveis, mais temidos do que amados. A meu juízo, poucos se destacaram. Lembro-me de alguns: o professor Brunharo, de Ciências, jovem e interessado em trabalhar com os alunos; Evaristo da Veiga, natural de Portugal, que se dedicava ao idioma pátrio; Angelo Di Lello, de desenho geométrico. Entretanto, um outro me marcou bastante, dele tenho apenas o prenome: Elmer, de quem fui aluno em 1966, no terceiro ano ginásial. Tínhamos quatro aulas semanais de português, em que aprendemos gramática e literatura. Na época, existiam os acentos diferenciais, suprimidos posteriormente por uma das reformas ortográficas. Ele ordenava que anotássemos todos, ditando um a um, com os respectivos significados. Elmer era uma verdadeira praga: provavelmente descendente de alemães, pelo menos em sua terceira geração, era alto, bem magro, usava óculos e sempre se apresentava vestindo um guarda pó branco, carregando uma valise cheia de cadernos, livros, anotações, diários de classe. Além disso, era religioso, só não me recordo se católico ou protestante e... reacionário. Embora anticomunista, nunca fez arengas defendendo os militares golpistas. Mas, com ele, experimentei pela primeira vez certa autonomia, inédita até então. Explico-me: às segundas-feiras, na primeira aula, todos os alunos deveriam se apresentar com o caderno de anotações literárias e um livro de literatura brasileira previamente autorizado por ele para ser trabalhado. Tínhamos que preparar a leitura de um livro por mês e, nessa aula, éramos chamados para contar o que foi lido, com os registros feitos no caderno. Ficávamos no estrado com Elmer, conversando baixinho, enquanto os outros alunos liam, escreviam e se preparavam para serem chamados – eram cinco ou seis estudantes por aula. As anotações se baseiam em um roteiro

prévio – resumo, personagens, diálogos principais, vocabulário, nossa apreciação final... – a ser aplicado em obras de uma relação que nos era fornecida.

Elmer odiava Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego e outros “autores comunistas”, como gostava de dizer. Entretanto, isso era negociável caso a caso, individualmente, exigindo certa astúcia de nossa parte. Ele acabava por ceder. Bem, eu sempre li muito, de tudo um pouco (CATANI, 2021b), mas com Elmer pude fazer algo que nunca fizera antes: um arremedo de crítica literária (CATANI, 2021a). O fato é que no final de 1966 havia lido e anotado José de Alencar (*Iracema* e *Ubirajara*), Machado de Assis (*O alienista*), José Mauro de Vasconcelos (*Rosinha minha canoa* e *Confissões de Frei Abóbora*), Jorge Amado (*Capitães da areia* e *Gabriela, cravo e canela*), José Lins do Rego (*Menino de engenho* e *Fogo morto*). Elmer insistia para lermos alguma coisa de Monteiro Lobato, mas acabei driblando tal sugestão, pois nunca tive empatia com esse autor. Na realidade, li outros livros de alguns dos escritores citados, mas era impossível anotar e trabalhar com todos no âmbito do curso. Terminei a 3ª série com excelente aproveitamento nessa disciplina e completamente realizado.

Depois disso, não conversei mais com Elmer; eu o vi apenas duas vezes: no colégio, andando pelos corredores, sempre apressado e, no início de 1967, em frente ao prédio em que residia. Ele dava aulas aos montes, seguramente mais de 40 por semana, aqui e ali, pois a proletarização já atingira há algum tempo os profissionais docentes. Não sei bem o que aconteceu. A notícia carece de exatidão. Contaram-me, ainda quando eu estudava no curso científico, que Elmer recebeu convite para completar sua carga horária e reforçar o orçamento doméstico indo trabalhar em Rio Claro, distante uns 40 quilômetros de Piracicaba. Numa dessas idas e vindas, a bordo de sua

kombi, um acidente o matou na estrada. Tentei, posteriormente, saber mais a respeito, mas nada foi possível acrescentar ao que acabei de narrar. Isso me lembrou a fala de um personagem do filme *Amarelo manga* (2002): “Quem viu não quer contar; quem falou ouviu dizer”.

Concluído o ginásio, decidi mudar de escola, o que me obrigou a participar de outro processo seletivo, através de uma prova geral englobando Português e Matemática, tendo sido aprovado, com mais dois colegas, no Colégio Estadual e Escola Normal Monsenhor Jeronimo Gallo, no bairro de Vila Rezende, onde fiz o curso científico (1968-1970) – aliás, fui da última turma, pois a partir de 1971 a denominação passou a ser colegial.

Tropeçando

Contraditoriamente, nada ou quase nada me interessava no curso científico. Matemática, Química, Física, Biologia, Ciências: tudo me era praticamente indiferente. O professor de Filosofia era péssimo, ganhando a vida como corretor de imóveis, sendo a disciplina ministrada apenas no terceiro ano. Português, da forma que trabalhávamos, também era pouco atrativo. Inglês já era mais dinâmico e a professora bastante rigorosa. Tinha que estudar muito para ser aprovado e, nos dois primeiros anos, enfrentei dificuldades com Matemática. Ao final do segundo ano, parte de meus colegas começou a se matricular nos cursinhos pré-vestibulares e, procurando queimar etapas, prestavam, no início do que seria o terceiro científico, exames de maturidade em escolas do interior do estado de Minas Gerais pouco sérias, em que a aprovação era automática. Dos 45 alunos do último ano do científico, apenas eu não me dirigi à Agronomia, Medicina, Engenharia Florestal ou Engenharia Civil.

Do conjunto dos docentes acredito que o melhor tenha sido o professor Osório, respon-

sável pelo ensino de Citologia. Ele ficou pouco tempo no colégio, tendo prestado concurso e ingressado no magistério superior em instituição pública em área de sua especialidade. Eu vivia angustiada, pois desejava sair da cidade, dirigir-me para São Paulo e cursar algo que não pertencesse às “ciências não humanas”, se é que tal categoria existisse para um revoltadinho de 17 anos. Mas eu não sabia nada, era um ignorante provinciano; não me dediquei às exatas e não estudei humanidades no científico. Quando julho de 1970 chegou, bateu uma crise daquelas, lembrando-me, hoje, uma frase curta e certa do escritor italiano Elio Vittorini (1908-1966): “eu naquele inverno estava tomado de furores abstratos”. (VITTORINI, 2002, p. 17). No segundo semestre desse ano, caí-me em mãos o livro de Jean-Claude Bernardet, *Brasil em tempo de cinema* (1967), que apontava alguma saída para mim, pois eu tinha uma certa cultura cinematográfica, embora desordenada, uma vez que no interior assistia-se de tudo, com constantes mudanças nas programações, graças à companhia de meu pai, que adorava cinema, levava-me com ele e me explicava o bê-a-bá da coisa.

Daí os impasses se agravaram, pois meu pai entendia que eu deveria ser um cientista como ele. De certa maneira, recordou-me a forma de pensar do avô de Sartre, que o criou, em *As palavras*: antes de alguém se dedicar às letras (ou ao cinema), deveria tornar-se professor, garantindo assim minimamente o próprio sustento. Acabei migrando para a capital paulista no dia 15 de novembro de 1970, após votar e, no dia 16, iniciei no Equipe Vestibulares, um curso intensivo de sete semanas. Estudava da manhã à noite, mais de 15 horas por dia, mas, como já era esperado, não foi suficiente para ser aprovado nos vestibulares da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) da USP, da Tecnologia de Alimentos da Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp) e da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (Eaes) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A partir desse esperado fracasso, informei-me melhor e inscrevi-me num curso pré-vestibular cujas aulas eram ministradas por alunos da FGV. Estudei de março a junho de 1971 e fui aprovado em julho no curso de Administração Pública. Na época, todos nós éramos bolsistas do governo do Estado de São Paulo, que pagava nossas mensalidades; por sua vez, o curso de graduação em Administração de Empresas era pago e...bem caro.

Um pouco de tudo e bons professores

Escreve-se sempre com e contra o passado.
(Manuel Antônio Pina)

Em artigo publicado em 2019, escrevi, acerca de minha formação universitária no curso de graduação, o seguinte:

Quando estudava Administração Pública na FGV (1971-1975), logo me voltei às Ciências Sociais, em especial para Sociologia, além de Psicologia, Economia e Ciência Política. Interessava-me também por Cinema, Teatro, Literatura, Música, Arquitetura, Artes Plásticas – tal multidisciplinaridade ocorria na própria EAESP, via cineclube, cursos, palestras, shows e espetáculos ali realizados, além de esforços extras, buscando fora o que desejava em disciplinas específicas, ciclos, seminários, conferências (...) Fazer Administração Pública na FGV, curso então gratuito, contribuiu significativamente na constituição de meu *habitus* intelectual. A GV, segundo a feliz expressão de um amigo, ‘nos ensinou a falar’. Nas disciplinas havia o que se denominava *participação* em nossa avaliação, fórmula que tentava aferir o grau de interesse e de aprendizagem do aluno através de seu desempenho oral em aulas e Seminários (LIMA, 1997, p. 21). Adquiria-se a necessária *desenvoltura*, na forma como explicitaram Wright Mills (1962) e Bourdieu (1979, 1984, 1989). (CATANI, 2019, p. 997, grifo do autor).

A Eaes da FGV tinha um dinâmico Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração (FSJ), antigo Departamento de Ciências Sociais, que reunia um conjunto de disciplinas das áreas de Direito, Sociologia, Ciência Política, Psicologia e História.

Devo ao antigo departamento de Ciências Sociais minha formação inicial na área [de Sociologia], pois com exceção de Henrique Rattner e Esdras Borges Costa, quase toda(o)s a(o)s outra(o)s professora(e)s haviam ingressado nos recém-criados programas de pós-graduação (níveis: mestrado e doutorado) – casos de Sérgio Miceli, orientado por Leôncio Martins Rodrigues; Vânia Sant’Anna e Maria Cecília Forjaz, por Francisco Weffort; Ruben Keinert, José Carlos Durand e Maria Rita Durand, por Luiz Pereira, toda(o)s na USP. (CATANI, 2022a, p. 11-12).

Maurício Tragtenberg, que conseguira na justiça ser reintegrado à FGV, afastado que fora pelo AI-5, deu um excelente curso sobre sociologia da burocracia e, em 1973, defendeu seu doutorado, *Burocracia e ideologia*. Vilmar Faria retornou dos Estados Unidos após doutorar-se com Gino Germani, enquanto José Paulo Carneiro Vieira estava indo para a França. Havia o veterano historiador Edgard Carone, com quem cheguei a fazer alguns trabalhos, além de Aracy Martins Rodrigues, excelente analista e psicóloga. No Departamento de Economia, Robert Nicol, Luiz Carlos Bresser Pereira, Roberto Perosa e Eduardo Suplicy eram interlocutores de primeira; no Departamento de Administração, Roberto Venosa, Fernando Prestes Motta e Ramon Moreira Garcia sempre foram atenciosos para com um jovem meio despreparado, curioso, que em não poucas oportunidades não captava o que estava ocorrendo ao seu redor mas que possuía um projeto ainda em estado latente: efetuar sua conversão para as Ciências Sociais, para a Sociologia, em particular.

Guardadas as devidas proporções, em especial as referentes ao tempo e ao espaço, os professores citados nos parágrafos anteriores,

a maioria responsável pela minha formação, talvez tenham desempenhado o mesmo papel decisivo no que se refere ao jovem Antonio Candido e à jovem Gilda de Mello e Souza, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, representados pelos docentes da “Missão Francesa”, em especial Jean Maugüé e Claude Lévi-Strauss.³

Posso dizer que meus colegas e eu acabamos vivenciando algo raro, pois aprendemos quase simultaneamente, no que se referia às disciplinas de Ciências Sociais, o que nossos jovens professores recebiam nos cursos que eram ministrados nos programas de pós-graduação em que estavam matriculados.

Entendo que a peculiaridade da FGV enquanto instituição formadora de quadros – no caso específico, quadros para a administração pública – contou muito a meu favor, pois pretendia me desgarrar dos domínios da gestão. Talvez uma passagem de *Esboço de auto-análise*, de Bourdieu, ajude a explicar tal peculiaridade, quando diz que grande parte de seu aprendizado em Filosofia, no início da década de 1950, ocorria fora da área de influência de Jean-Paul Sartre, então o modelo mais acabado de “intelectual total”, que se fazia presente em todas as frentes do pensamento crítico. Havia jovens que desejavam resistir ao “existencialismo” em sua forma mundana ou escolar – fala, em especial, de Martial Guérout e de Jules Vuillemin e, em seguida, de “[...] uma epistemologia e uma história das ciências representada por autores como Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Alexandre Koyré” (BOURDIEU, 2005, p. 45), além de Erik Weil. Eles se encontravam, em razão de suas origens, “[...] ocultos à percepção comum pelo estardalhaço dos dominantes”; tais “autores marginais e destituídos de poder temporal” ofereciam cer-

to oásis àqueles que desejavam respirar outros ares (BOURDIEU, 2005, p. 45; MICELI, 2005).

Assim, reitero, os jovens docentes da FGV, que era uma instituição não hegemônica na área das Ciências Sociais, iniciando suas respectivas carreiras, “traduziam” os conhecimentos recebidos para seus alunos – e muitos de nós aproveitaram essa oportunidade.

O clima organizacional vigente na FGV durante alguns anos, ao menos no FSJ, não era tão tenso embora, aos poucos, os jovens sociólogos e politólogos estavam fortalecendo suas respectivas musculaturas e começaram a enfrentar o poder dominante, representado pelos docentes da área jurídica. Henrique Rattner, o veterano, capitaneava os demais professores nessa luta por maior autonomia. Entretanto, do ponto de vista de jovem aspirante a aprendiz de feiticeiro que eu era, posso afirmar que experimentei posturas, de ambas as facções, bastante solidárias para comigo, que se traduziram em ofertas de estágios, de trabalhos de monitoria, textos para serem datilografados e revisados etc. Assim foi: interagi durante muitos meses com várias(os) docentes queridas(os) que acabaram sendo responsáveis por minha formação intelectual, como escrevi anteriormente e, também, por me ensinarem o meu ofício enquanto produtor simbólico.

O primeiro professor com quem trabalhei foi Edgard Carone, autor de vasta obra sobre a República brasileira, e que lecionava História Administrativa do Brasil no curso de Administração Pública. Estudei com ele a história republicana a partir de uma ótica crítica e ancorada em farta documentação. Através de Carone, fiz contato com mais de uma editora e aprendi a elaborar índices onomásticos, quadros, tabelas e a revisar, e preparar textos e documentos.

Além de estagiar em áreas vinculadas a disciplinas operacionais, em 1973, iniciei as ati-

3 Ver a respeito: CANDIDO, 2007; SOUZA, 1978. Carta de Antonio Candido a A. M. Catani, 1989; LÉVI-STRAUSS, 1996.

vidades junto ao Núcleo de Pesquisa e Publicações (NPP) da Eaesp/FGV, então coordenado pelo economista Robert (Bob) Nicol, graduado no Reino Unido. O NPP financiava as pesquisas dos professores da escola e era responsável pela publicação da *Revista de Administração de Empresas* (RAE). Bob estava redigindo sua tese de doutorado, *Agricultura e a industrialização no Brasil (1850-1930)*, sob a orientação de Henrique Rattner, na Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, pois o experiente professor também se encontrava vinculado àquele programa de pós-graduação. Trabalhei com ele coletando alguns dados primários e estatísticos, tendo aprendido muito, em especial sobre teoria do desenvolvimento e história econômica: ele me indicava preciosas leituras e discutia comigo, pacientemente, temas de economia internacional. Em seguida, contratou-me como estagiário junto ao NPP com a finalidade de auxiliar outros docentes em seus projetos.

Sergio Miceli havia sido meu professor em 1972 na disciplina Sociologia I, em que se estudava os clássicos (Durkheim, Marx e Weber), a estrutura de classes e as relações sociais. Escrevi a respeito em outro artigo o seguinte: “Não fui um aluno brilhante, mas também não fiz feio [...] Apesar das dificuldades iniciais, gostei do que ouvi e do que li no curso”. (CATANI, 2022a, p. 8). Miceli, que já era mestre em Sociologia pela USP, tornara-se redator-chefe da RAE e tinha um projeto financiado pelo NPP, que acabou resultando em seu doutorado, defendido na França – com orientação de Pierre Bourdieu –, e no Brasil – orientado por Leôncio Martins Rodrigues –, a tese resultou no livro *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*. Sergio tinha cinco auxiliares de pesquisa e eu me tornei o sexto, sendo contratado em dezembro de 1973. Trabalhei com ele até meados de 1974, quando Miceli foi para a França e a equipe desfeita; depois, de agosto de

1974 a agosto de 1975, recontratado, continuei a coletar dados e os enviava a Paris. Formei-me em junho de 1975 e, a convite de Sergio, fui seu hóspede na França, acompanhando um pouco o trabalho desenvolvido por Bourdieu e sua equipe de investigadores. O livro *Bourdieu à brasileira* (ROCHA, 2022) recupera a trajetória de Miceli, destacando que em 1974 acabara de sair a coletânea de textos que ele editou, *A economia das trocas simbólicas*, contendo os principais trabalhos do sociólogo francês publicados até então.

Nesse trabalho, como auxiliar e olhando como a equipe de Bourdieu pesquisava, aprendi o que se chama de cozinha da pesquisa, em que tudo é importante, não apenas os textos teóricos e as grandes interpretações. Sujei muito as mãos na empiria: lia, tomava notas, copiava, fazia longos fichamentos, recortava jornais, organizava pastas, ajudava a elaborar quadros e tabelas, numa época em que não existia computador nem internet. Trabalhei muito na Biblioteca Municipal ‘Mário de Andrade’ (São Paulo) e na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). (CATANI, 2022a, p. 13-14).

Sergio E. S. Silva (2022, p. 12-13) resumiu com propriedade uma das lições aprendidas com Miceli: entende-se que “[...] o sentido atribuído às coisas é gestado na própria sociedade. E a ‘mágica’ acontece a partir de uma espécie de economia das trocas simbólicas, da troca das próprias palavras ditas, ou melhor, do sentido delas”. Mas talvez a herança marcante que Sergio deixou para mim, e que foi continuamente aprimorada em sua contínua interlocução com Bourdieu, tenha sido a de não generalizar qualquer afirmação sem uma base empírica confiável. Não era raro ele indagar: “De onde você tirou isso? O material coletado permite tal afirmação?”. E mais, essa premissa, vindo diretamente de Bourdieu (1988, p. 4): “[...] todas as proposições que a sociologia enuncia podem e devem aplicar-se ao sujeito que faz a ciência”.

Devo falar, em rápidas tintas, de José Paulo Carneiro Vieira, o Zé Paulo. Não tive aulas com ele, mas muito me ajudou, em longas conversas, a me decidir “deixar” a Administração e me dedicar à Sociologia. Zé me emprestou livros, presenteou-me com outros de extração estadunidense e deu preciosas dicas para que eu me inserisse de corpo e alma nas Humanidades. Pena que nos deixou precocemente.

Maurício Tragtenberg, em 1972, retornou à FGV, após se livrar das acusações do AI-5 que lhe tolheu o ofício por alguns anos. Ele nos lecionou Sociologia II, na verdade, sociologia da burocracia. Dava aulas, ia à biblioteca, trancaava-se em sua sala e ia redigindo *Burocracia e ideologia*, seu doutorado. Polêmico e de uma generosidade incomum, teve a paciência de me orientar nas leituras de Weber. Após descobrir que eu possuía alguma malícia para manejar as palavras, indicou-me para escrever no extinto *Jornal da Tarde*, além de me ajudar em outras fases de minha carreira. Fomos colegas de departamento na FGV e, em meados da década de 1980, na Faculdade de Educação da Unicamp.

Vânia Sant’Anna foi uma excelente professora de Ciência Política num momento em que ruíram as ditaduras de Portugal, da Espanha e da Grécia. Coordenou o curso de Administração Pública e me contratou como estagiário. Com ela, trabalhei em pesquisas eleitorais – com Miceli e com a estatística Lígia Costa –, tabulei os dados e ajudei a redigir o relatório. Ela me colocou em contato com Gabriel Cohn na USP, que me orientou no mestrado, e me convidou para integrar banca de vestibulares da prova de Conhecimentos Gerais da FGV – fiz questões de História Geral e de História do Brasil, depois coordenei essa mesma prova e, durante 19 anos e meio trabalhei elaborando questões e temas para vários processos seletivos, inclusive para a prova de Redação. Com

Vânia, ao lado de Ricardo Antunes e Arnaldo Spindel, escrevemos os primeiros volumes da coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense. Amiga querida, deixou-nos há pouco tempo.

Arakcy Martins Rodrigues não me deu aulas, assim como José Carlos Durand. Mas, por encomenda de Arakcy, quando já estava formado, escrevi cerca de três dezenas de resenhas para a RAE, fiz revisões de originais, dei pareceres e dialogamos à farta. Durand foi excelente companheiro de conversas, além de Ruben Keinert, e ajudou a me organizar intelectualmente, no período final do curso de graduação e durante a elaboração de minha dissertação.

Dalmo do Valle Nogueira encomendou-me minha primeira tradução, do espanhol, como material didático da FGV; Esdras Costa sempre me incentivou na elaboração de outros materiais, me ajudando a aprimorar a escrita e, o que era importante no momento, remunerando-me pelo trabalho. Eduardo Suplicy leu vários de meus escritos, deu sugestões e encaminhou alguns deles para publicação na *Folha de S. Paulo*.

Fiz dois cursos com Vilmar Faria, excelente professor de metodologia de pesquisa, especializado em *surveys* quantitativos. Apesar de não me aventurar por tal seara, ele foi um leitor atencioso do que lhe enviava e me instigou a prosseguir nos estudos de sociologia da cultura. Preciosas orientações e a amizade de Roberto Venosa e de Fernando Prestes Motta – depois meu colega na FE da USP – não podem ser negligenciadas.

Não foi meu professor, mas colega e, até hoje, é grande amigo: Gilberto Vasconcellos. Compartilhamos mesas de café e de bar e tivemos o mesmo Gabriel Cohn como orientador. Li e aprendi com Gilberto muito de Freud, Adorno, Reich, Marx, Florestan Fernandes, Heitor Villa-Lobos, Câmara Cascudo, Nelson Rodrigues, pensamento conservador brasileiro etc.

Outras instituições, outros professores, outras experiências

Conforme já mencionei, Maurício Tragtenberg indicou-me ao jornalista Laerte Fernandes e passei a escrever resenhas para o extinto *Jornal da Tarde*, que pertencia ao grupo de *O Estado de S. Paulo*. Publiquei ali 60 ou 70 comentários e resenhas que ajudaram a me dar um melhor domínio da escrita. Fui editado por Ivan Angelo, Edison Paes de Mello, Kléber Ferreira de Almeida, Pedro Medeiros, Teresa Ribeiro, interagindo com Luiz Carlos Lisboa, Sérgio Amad Costa, Isabel Raposo... Escrevia também para outros suplementos do *Estadão* (*Suplemento Literário, Cultura, Caderno 2* – aí, a convite do Moacir Amâncio, hoje docente na FFLCH/USP), além da *Gazeta Mercantil, Leia Livros, RAE, IstoÉ, Folha de S. Paulo* etc. Com isso, aprendi a editar textos.

Na USP, na FFLCH, onde fiz mestrado e doutorado, destaco a excelência de Marlyse Meyer, Duglas Monteiro, Francisco Weffort, Paulo Silveira Filho, Gabriel Cohn; na Escola de Comunicações e Artes, Paulo Emílio Salles Gomes, Maria Rita Galvão, Zulmira Tavares, Ismail Xavier, Jean-Claude Bernardet. E não poderia deixar de mencionar minha orientadora de doutorado, amiga, Heloísa Rodrigues Fernandes, que, a exemplo de Gabriel Cohn, até hoje nos falamos e trocamos mensagens com frequência.

Na França, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Pierre Bourdieu, Luc Boltanski, Patrick Champagne, Monique de Saint Martin e Afrânio Garcia, recebi ensinamentos duráveis, assim como no Institut Universitaire de Formation des Maîtres (Reims), com Philippe Régerard e Jacques Mambret, além de Drossilla Vasconcellos, em Lille.

No Reino Unido, Francisco Domínguez (Middlesex University London), Tristan McCowan (Institute of Education, University College London) e Jaime Ginzburg (King's College London)

sempre deram o melhor de si para me ajudar nos estudos e pesquisas.

Em Portugal, Licínio C. Lima e Almerindo Janela Afonso (Universidade do Minho), Rogério Fernandes (Universidade de Lisboa) e Paulo Cunha (Universidade da Beira Interior) foram essenciais em meus aprendizados educacionais e nos da história do cinema.

No México, devo muito a Adalberto Santana e a Leopoldo Zea da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM); no Chile, a Juan Carlos Campbell (Universidad Católica de Valparaíso); no Uruguai, a Rodrigo Arocena, ex-reitor da Universidad de la República; na Venezuela, a Eduardo Medina Rubio, Carmen García Guadilla e María Egilda Castellano da Universidad Central de Venezuela.

Espanha e Cuba se interligam a partir de minha atuação como editor e redator do *Diccionario del Cine Iberoamericano: España, Portugal y América* (Madrid: SGAE, Fundación Autor, 10 v., 2010-11), empreendimento coordenado por Emilio Casares (Instituto Complutense de Ciencias Musicales, Madrid) e supervisionado por Iván Giroud (Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano de La Habana). Foi um trabalho de fôlego, em que consegui sistematizar meu conhecimento sobre o cinema ibérico e americano.

Oswaldo Coggiola, argentino radicado no Brasil e docente no Departamento de História da USP, é um trabalhador e escritor incansável, abrindo-me portas e mais portas na Argentina. Conheci o país e seu pensamento social através de amigos da Universidad de Buenos Aires: Pedro Krotsch, Dora Barrancos, Christian Ferrer, Waldo Ansaldi, Hugo Callelo, Myriam Feldfeber, Martín Unzué; da Universidad Nacional de la Plata (Ricardo Rivas, Hugo Biagini, Patricia Funes, Claudio Suasnábar; Alberto Pla (Universidad Nacional de Rosario), Carlos Mazzola (Universidad Nacional de San Luis), Eduardo Bajo (Universidad Nacional de

Córdoba), Eduardo Rinesi (Universidad Nacional General Sarmiento), Marta Kisilevsky, Secretaría de Estado de la Educación de Buenos Aires.

Iniciei minhas idas à Argentina em janeiro de 1990; até hoje, foram mais de 30 viagens. Como foi dito, fiz por lá amizades maravilhosas e consegui adquirir preciosas informações sobre o “Cone Sur”. De início, mantive contato com meu querido amigo Horacio Gonzáles, que já conhecia desde o Brasil, quando ele estudava sob a orientação de Gabriel Cohn, preparando seu doutorado (CATANI, 2021; 2022a; 2022b). Horacio foi fundamental para a minha inserção no campo acadêmico argentino, através de acompanhar a inúmeras conferências, mesas redondas, cursos, colóquios e palestras em que ele participou, de ser apresentado a dezenas de intelectuais portenhos, sem contar as várias leituras comuns e as longas conversas mantidas ao longo de 40 anos de convívio. Ele me hospedou um sem-número de vezes em suas várias casas e eu o fiz umas poucas, pois ele não vinha tanto para cá. Horacio parecia ter lido quase todos os livros do mundo, em especial os de Sociologia, Política, Filosofia, História, Literatura, Música e Cinema. Para ele, não existiam divisões entre os campos do conhecimento, sendo autor, ainda, nos últimos anos, de três romances. Excelente colunista, em jornais e revistas, deixou-nos no dia de meu aniversário, 22 de junho de 2021.

Concluindo

Quem tem vertigens diz que o mundo roda.
(William Shakespeare)

É certo que a vida não explica a obra,
mas certo também que elas se comunicam.
A verdade é que esta obra a ser feita
exige esta vida.
(Maurice Merleau-Ponty)

Este artigo está muito extenso, mais do que previ escrever. A gente começa e as coisas, às vezes, parecem fugir um pouco do controle. Quem o ler perceberá que ao longo de 60 e tantos anos recebi as mais variadas influências de diversos docentes, igualmente díspares. Até certo momento não sabia bem o que estava fazendo na escola, pois tudo me parecia estranho, sem sentido. Tal sensação não foi passageira, manteve-se um semestre após outro, de forma angustiante. De modo geral, apenas na educação superior os estudos começaram a adquirir significados, comecei a perceber saídas que iam me conduzindo a um território talvez minado, mas que apontavam para algum destino plausível – ou menos desagradável – para as minhas confusas ambições. O contato com bons professores a partir da universidade acabou por mudar minha trajetória, fazendo com que eu investisse pesado na aquisição de conhecimentos até então distantes e inimagináveis para mim. Um escritor renomado conseguiu condensar com propriedade o que tento expressar de forma desajeitada: “Talento, diz Proust. Eu diria sorte e muito trabalho”. (NAIPAUL, 2022, p. 80).

Formalmente, tenho registro como professor desde o dia 1º de outubro de 1976, ou seja, há mais de 46 anos ministro aulas em níveis de graduação e de pós-graduação, em cursos de especialização, cursos especiais, minicursos, ciclos de palestras etc.; oriento dissertações de mestrado e teses de doutorado aos montes, participo de centenas de bancas de defesas e de concursos, além de escrever sem cessar – enfim, esse é o conjunto de atividades que se exige de um professor universitário. Por tudo isso, convenci-me de que Barthes (1997, p. 47, grifo do autor) estava coberto de razão ao escrever: “Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*”.

Referências

- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema** – ensaio sobre o cinema brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. Tradução: Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d`une théorie de la pratique**. Genève: Droz, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Minuit, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d`État**: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Minuit, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Lições da aula**. Tradução: Egon O. Rangel. São Paulo: Ática, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; SAINT MARTIN, Monique. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, Maria A.; CATANI, Afrânio M. (Orgs.). **Escritos de educação**. 16. ed. 7. reimpr. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 205-241.
- BRAGA, Rubem. A companhia dos amigos. In: BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Record, Edição comemorativa, 2019. p. 171-172.
- CAMUS, Albert. **O primeiro homem**. Tradução: Teresa B. Carvalho da Fonseca e Maria Luiza N. Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- CANDIDO, Antonio. A importância de não ser filósofo. **Discurso**, São Paulo, n. 37, p. 7-16, 2007.
- CARTA de Albert Camus a Monsieur Louis Germain, sem local, 19/11/1957. In: CAMUS, Albert. **O primeiro homem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 307.
- CARTA de Antonio Candido a Afrânio Mendes Catani. São Paulo, 24/11/1989, datilografado.
- CARTA de Louis Germain a Albert Camus. Argel, 30/04/1959. In: CAMUS, Albert. **O primeiro homem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 308-311.
- CATANI, Afrânio Mendes. Horacio González: uma amizade de 40 anos. **A Terra É Redonda**, 08 ago. 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/horacio-gonzalez-uma-amizade-de-40-anos>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- CATANI, Afrânio Mendes. Borboletando na biblioteca. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 6, n. 17, p. 34-46, jan./abr. 2021b. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9800/7941>. Acesso em: 14 jan. 2023.
- CATANI, Afrânio Mendes. Desvelando formas arbitrárias de dominação: o trabalho sociológico de Pierre Bourdieu. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 43, p. 1-18, 2022a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Ps8zgvBy875yht7nWwg36cv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2023.
- CATANI, Afrânio Mendes. El viaje interrumpida de Albert Camus, “el mejor hombre de Francia”. **La Biblioteca** - Revista de la Biblioteca Nacional. Buenos Aires, Republica Argentina, Número Especial: Los libros y la vida - Horacio González (1944-2021), p. 48-56, 2022b.
- CATANI, Afrânio Mendes. Era um garoto que como eu aprendeu a ler e escrever nos anos 60. In: FERNANDES, Rogério; ADÃO, Áurea (Orgs.). **Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970)**. Porto, Portugal: SPCE, v. III, 1998. p. 545-551.
- CATANI, Afrânio Mendes. Esboço de auto-análise: breve trajetória de um professor tupiniquim. In: LUCENA, Carlos; SILVA JÚNIOR, João dos Reis (Orgs.). **Trabalho e educação no século XXI**: experiências internacionais. São Paulo: Xamã, 2012a. p. 47-63.
- CATANI, Afrânio Mendes. Formando o educador, educando o formador, pedagogizando a prática: algumas notas. In: SOUZA, Cláudio B. Gomide; RIBEIRO, Paulo R. Marçal (Orgs.). **A educação na era da informação**: contribuições Ibero-Americanas. Araquara, SP: Cultura Acadêmica, 2012b. p. 49-60.

- CATANI, Afrânio Mendes. **Migalhas do cotidiano**. Memorial apresentado como exigência parcial para o Concurso de Livre-Docência ao Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CATANI, Afrânio Mendes. Novos modos de regulação e batalhas na produção do conhecimento - um estudo de caso. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v. 17, n. 3, p. 996-1012, set./dez., 2019. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3458/889>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- CATANI, Afrânio Mendes. **Pequena história de um grande professor**. Conferência proferida na Escola Municipal Antônio Telles de Souza - Rede Educacional do Município de Manaus (AM), em 10/04/2021. Digitado, inédito, 2021a.
- DE MEERLEER, Patrick. **Louis Germain (1884-1966)**. *Instituteurs et père spirituel d' Albert Camus*. Paris: Domens, 2021.
- HANDKE, Peter. **Ensaio sobre o cansaço**. Tradução: Simone Homem de Mello. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.
- JUDT, Tony. Albert Camus: "O melhor homem da França". *In*: JUDT, Tony. **Reflexões sobre um século esquecido: 1901-2000**. Tradução: Celso Nogueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 115-126.
- LE GOFF, Jacques. O desejo da História. *In*: NORA, Pierre (Org.). **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 177-189.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Tradução: Rosa Freire D'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LIMA, Roberto Kant de. **Antropologia da academia**. Quando os índios somos nós. 2. ed. Niterói: EDUFF, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Le doute de Cézanne. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sens et non-sense**. Paris: Gallimard, 1966.
- MICELI, Sergio. A emoção racionada. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 7-20.
- MICELI, Sergio. A força do sentido. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. VII-LXI.
- NAIPAUL, V. S. **Dois mundos**. Tradução: Rogério Galindo e Sandra Dolinsky. Belo Horizonte: Âyiné, 2022. p. 59-82.
- NORA, Pierre. Conclusão. *In*: NORA, Pierre. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 357-360.
- PINA, Manuel Antônio. **O coração pronto para o roubo**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- ROCHA, Maria Eduarda da Mota. **Bourdieu à brasileira**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.
- SARTRE, Jean- Paul. **As palavras**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Difel, [ca. 1970].
- SHAKESPEARE, William. **A megera domada**. Tradução: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L & PM (Pocket), 1998.
- SILVA, Sergio Eduardo Sampaio. A força do sentido, novamente. *In*: MICELI, Sergio. **A força do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2022. p. 11-16.
- SEMPÉ, Jean-Jacques; GOSCINNY, René. **O pequeno Nicolau**. Tradução: Luis Lorenzo Rivera. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SOUZA, Gilda de Mello e. A estética rica e a estética pobre dos professores franceses. **Discurso**, São Paulo, n. 9, p. 9-30, 1978. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37845/40572>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- TODD, Olivier. **Albert Camus: uma vida**. Tradução: Monica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- VEIGA, Roberta. Quanto vomitei livros. *In*: VEIGA, Roberta. **Cavalo e caramelo**. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2022. p. 28-29.
- VITTORINI, Elio. **Conversa na Sicília**. Tradução: Valério Xavier e Maria Helena Arrigucci. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Filmes

Amarelo manga. Direção: Cláudio Assis. Produtoras: Olhos do Cão Produções Cinematográficas; República Pureza Filmes. Recife, Brasil, 2002 (103 min.).

Bardo. Falsa crônica de algumas verdades. Direção:

Alejandro González Iñárritu. Produtoras: Estudios Churubusco; Redrum. México, DF, 2022 (159 min.).

Recebido em: 03/02/2023

Revisado em: 18/05/2023

Aprovado em: 20/05/2023

Publicado em: 28/05/2023

Afrânio Mendes Catani é professor titular aposentado na Faculdade de Educação (FE) da Universidade de São Paulo (USP) e, atualmente, professor sênior na mesma instituição. Professor visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), *campus* de Duque de Caxias. Mestre e doutor em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e livre docente em Educação (FE/USP). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* amcatani@usp.br